

Artigos Originais

Análise de jogo e pedagogia do esporte: reflexões alicerçadas na construção da autonomia¹

Game analysis and sports pedagogy: reflections grounded in the construction of autonomy

Análisis de juego y pedagogía del deporte: reflexiones fundamentadas en la construcción de la autonomía



Luis Felipe de Campos Lima

Universidade Estadual de Campinas UNICAMP (Limeira, SP-Brasil)

E-mail: luis.unicamp23@gmail.com



Luis Felipe Nogueira Silva

Universidade Estadual de Campinas (Campinas, SP-Brasil)

E-mail: luisfelipenogu@gmail.com



Gabriel Orenge Sandoval

Universidade Estadual de Campinas (Campinas, SP-Brasil)

E-mail: g216386@dac.unicamp.br



Alcides José Scaglia

Universidade Estadual de Campinas (Limeira, SP-Brasil)

E-mail: alcides.scaglia@gmail.com

Resumo: Durante a evolução do futebol, surge um departamento responsável por nutrir a comissão técnica com informações pertinentes ao jogo. O objetivo central deste trabalho é investigar, através dos protocolos de análise de jogo, as informações recolhidas, a participação do treinador, além de ter se buscado entender a autonomia na relação com os jogadores. O método utilizado foi a entrevista semiestruturada com quatro (4) analistas de desempenho, que trabalham em clubes filiados a Confederação Brasileira

¹ Apoio financeiro: Bolsa de Iniciação Científica PIBIC/CNPq

de Futebol. A partir da análise de dados, foi possível dividir em três grupos: Relação com o treinador; método de análise e reflexão sobre a função. Assim, foi possível perceber que os métodos de análise são fundamentais para a função e os treinadores cada vez mais se aproximam dos analistas, porém, pouco se reflete sobre a maneira de utilizar estes materiais para, pedagogicamente, influenciar os jogadores. Compreendeu-se ser necessário criar um ambiente de aprendizagem com discussões sobre os desafios que o jogo exige dos atletas a partir de ferramentas que auxiliam a prática pedagógica.

Palavras-Chave: Futebol; análise de jogo; protocolo.

Abstract: During the evolution of football, a department emerged responsible for providing the coaching staff with relevant player information. Thus, the aim of the study was to investigate the working methods with coaches of game analysts. For this purpose, semistructured interviews were conducted with four (4) performance analysts. Consequently, through data analysis, it was possible to categorize the analysts' speech into three groups: relationship with the coach; analysis method; and reflection on the role. It was evident that analysis methods are crucial for the role, and coaches are increasingly engaging with analysts. However, little reflection is made on how to pedagogically 1 Essa pesquisa contou com financiamento do PIBIC/CNPQ-UNICAMP utilize these materials to influence players. Therefore, the conclusion is drawn that learning environments are rarely established to enable analysts to promote player autonomy.

Keywords: Soccer; game analysis; performance analysis.

Resumen: Durante la evolución del fútbol, aparece un departamento encargado de facilitar al comité técnico la información relevante para los jugadores. Así, el objetivo del trabajo fue investigar las formas en que los analistas de juego trabajan con los entrenadores. Para ello se realizaron entrevistas semiestructuradas a cuatro (4) analistas de desempeño. De esta manera, a partir del

análisis de los datos, fue posible dividir el discurso de los analistas en tres grupos: relación con el entrenador; Método de análisis y reflexión sobre la función. Así, se pudo ver que los métodos de análisis son fundamentales para el rol y los entrenadores cada vez se acercan más a los analistas, sin embargo, poco se refleja sobre cómo utilizar estos materiales para influir pedagógicamente en los jugadores. Así, se concluye que los ambientes de aprendizaje son poco realizados para que el analista ayude a fomentar la autonomía en los jugadores.

Palabras clave: Fútbol; análisis de juegos; análisis de rendimiento.

Submetido em: 04/10/2023

Aceito em: 19/12/2023

1 Introdução

Dado que o futebol pertence à classe dos Jogos Esportivos Coletivos (JECs), sua compreensão, enquanto fenômeno que atua sob o influxo da complexidade, permite distanciamento de uma ideia rígida: durante seu desenrolar, oscila no que tange a sua organização, tendo como base o entendimento de que regras, condições externas, jogadores e seus esquemas motrizes interagem constantemente (Scaglia, 2011; 2017; Scaglia et al., 2021).

Em decorrência disso, a análise de jogo, sobretudo no contexto do alto rendimento esportivo, ganhou espaço e se consolidou como departamento específico em clubes de futebol: para além do entendimento de que o jogo está envolto em uma cadeia de possibilidades e potencialidades, a competitividade voraz do ambiente profissional tem feito com que a busca para aprimorar a preparação de jogos a fim de ter equipes mais preparadas para jogar contra os adversários seja, paulatinamente, incisiva (Garganta, 2001).

Essa análise, entretanto, tem a possibilidade de ser tanto qualitativa quanto quantitativa: a primeira, pela busca de imagens e vídeos com o intuito de explicitar e interpretar diretamente o fenômeno passível de observação; a segunda, pelo recorte numérico de episódios ocorridos dentro do jogo. Ambas têm suas vantagens e desvantagens, cabendo ao contexto específico daquele ou daquela que analise a opção mais viável e adequada (Garganta, 2001; Correia; Silva; Scaglia, 2021).

Nesse sentido, as análises devem ser realizadas com objetividade e critérios. Os dados devem ser recolhidos com rigidez, tendo uma observação afiada e uma análise condizente com o que se enxerga e o que se vislumbra considerar (Castelo, 1996). Em função disso, Hugues (1996) considera que a observação, recolha dos dados a posteriori e sua interpretação são consideradas elementos fundamentais para que uma análise seja considerada eficaz.

As funções atribuídas aos profissionais da análise de jogo estão, para além da simples coleta de dados informações: como afirmam Correia; Silva e Scaglia (2021), há possibilidade de se tra-

balhar como analista da própria equipe, aperfeiçoando o modelo de jogo em comunhão com a visão do treinador; como analista do adversário, buscando minuciosamente decifrar pontos fracos e fortes da equipe que se jogará contra; e, também, como analista de mercado, visando reposições ou reforços para a equipe que se está trabalhando.

Não se deve esquecer que jogadores e jogadoras são os elementos ativos que se visa atingir com essa função. Sendo assim, em comunhão à Freire (2020), deve-se atentar-se à capacidade dos protagonistas do jogo assumirem-se enquanto tais, através de uma relação tanto de treinadores, mas também de analistas que visem à autonomia por parte deles no momento em que se joga (Sandoval; Silva; Scaglia, 2022), uma vez que, como afirmaram Freire (2002) e Scaglia et al. (2021), o jogo é imprevisível e, sendo assim, é incumbência do jogador agir em sua imanência.

Nessa lógica, pensamos autonomia enquanto a capacidade crítica de refletir e solucionar problemas que emergem nas relações, ou seja, a capacidade de pensar por si próprio e agir a partir disso, tendo por base os encontros e desencontros entre querer e deveres: a criticidade que permeia uma ação autônoma é garantida por seguir ou não as normas, a partir dos anseios formulados propriamente por quem age, ou seja, há um primado ético, em detrimento à moral, em qualquer ação. Heteronomia, entretanto, evoca a falta de noção de autossuficiência, implicando a necessidade de um suporte inequívoco para sustentar qualquer ação, distanciando-se de uma criticidade que suporte a escolha a seguir ou não as regras e, portanto, longe também daquilo que é eticamente definido (La Taille, 2006).

Quando Freire (2020), tendo por base sua direção ética, e vislumbrando a autonomia como destino final, fundamenta uma ação pedagógica, sua visão se direciona a formar alunos e alunas capazes de colocar em prática a 'curiosidade epistemológica', ou seja, a inquietação no que tange aos conteúdos abordados. Para isso, um ambiente de aprendizagem capaz de dar protagonismo a esse/a aluno/a deve ser criado, para que, assim, sua ação seja crí-

tica e não ancorada, alienadamente, em uma moral previamente definida (Freire, 2020).

De tal maneira, concebendo estes como conteúdos da Pedagogia do Esporte, é fundamental haver o entendimento de que o analista não somente opera na lógica da obtenção de informações, mas também em sua comunicação com treinadores/as e jogadores/as. O caráter pedagógico que envolve a função do analista não deve ser subjugado e sim ressaltado como uma das competências que o profissional desta área deve estar atrelado, já que é mais uma das artimanhas para empoderar estes jogadores e jogadoras (Correia; Silva; Scaglia, 2021).

Sendo assim, o estudo atual tem como objetivo mensurar, a partir de entrevistas com analistas de jogo de clubes profissionais de futebol, e não só através de qual maneira são coletados, recolhidos, armazenados e analisados os dados obtidos dos jogos, mas, principalmente, se pedagogicamente, ou não, as informações são passadas aos/às jogadores/as, visando sua autonomia dentro do jogo, através, por exemplo, de observar, nas falas dos analistas, a distância que a didática se encontra das competências que o/a analista domina e pratica.

2 Método

O estudo foi chancelado Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com seres humanos da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em 14 de outubro de 2021, pelo parecer nº 5.036.493, e CAAE: 48730421.0.0000.5404. Possui natureza qualitativa de cunho exploratório, buscando respostas iniciais sobre o assunto abordado (Fontana, 2018), através de uma entrevista semiestruturada (Bartholomew; Henderson; Márcia, 2000), visando a possibilitar a explanação de opiniões, sentimentos e ideias sobre o tema abordado (Sparkes; Smith; 2014).

Quatro (4) analistas de desempenho de equipes de alto rendimento de futebol foram entrevistados, sendo dois (2) vinculados, no momento da entrevista, às categorias de base, um (1) vinculado

ao masculino e outro (1) ao feminino. Além deles, outro (1) pertencente ao profissional masculino e, por fim, um (1) com passagens por categorias de base de clubes no contexto masculino também. Com esses diversos perfis, foi possível enxergar as questões que vislumbra o artigo dialogar com distintos contextos.

Para isso, com a transcrição das entrevistas realizadas, realizou-se a análise de conteúdo de cada uma delas, que se baseia em uma investigação pautada em um desmembramento das respostas, a fim de facilitar a interpretação das falas. Com isso, há a possibilidade de categorizar as respostas a partir de inferências, tendo como base os conceitos que circundam a temática estudada (Bardin, 2011), ou seja, a forma que a análise de desempenho é estabelecida e aplicada nesses clubes. Para que isso fosse possível, entretanto, realizou-se, para obter os resultados, três fases: a pré-análise, a descrição analítica e a interpretação inferencial. Ao ser pautada a preparação das respostas, foi feita a organização, a fim de que fosse possível analisar cuidadosamente e interpretar com fidedignidade o tema estudado (Mayring, 2014).

3 Resultados e Discussão

Para iniciar o processo de discussão e apresentação dos resultados é importante fazer uma introdução referente aos tópicos e abordagens que sustentarão e servirão base para esta pesquisa. Isto posto, Freire (2020) tem nos mostrado que um ambiente para a construção do aprendizado é determinante para o desenvolvimento do conhecimento. Sendo assim, o analista de jogo, sendo um ser ativo, enquanto co-produtor de aprendizagem, deve tornar suas condutas emancipatórias, complexas, cheias de autonomia, e não aprisionadoras, ao partir da não redução de seus atletas enquanto sujeitos (Freire, 2020).

Os tópicos tiveram um caráter de agrupamento das respostas com base na análise de conteúdo, ao qual foi possível ordenar em categorias. A primeira categoria necessidades do treinador está relacionada com as demandas do treinador com base no modelo de jogo e produção de informação de adversários. Já a categoria

fases e momentos do jogo está relacionada com a divisão do jogo em partes para facilitar o estudo deste. A terceira categoria, processos metodológicos, está relacionada com o tipo de metodologia desenvolvida. A quarta categoria está relacionada com o banco de dados, local digital para armazenamento dos dados. A quinta categoria denominada treinos desenvolveu-se a partir da relação das informações produzidas com as sessões de treinos. A sexta categoria chamada participação do treinador está relacionada com a forma em que o treinador participa de todo o processo. A sétima categoria nos conta sobre algumas informações que são produzidas cujo objetivo é trabalhar fora do contexto de jogo. A oitava categoria, análise da função, está relacionada com a reflexão individual da prática do analista de jogo. A nona categoria ambiente de aprendizagem está relacionada com o processo de construção e desenvolvimento do aprendizado dos atletas. Na décima categoria, monitoramento dos dados, foi relatado o acompanhamento dos dados. A décima primeira categoria, objetivo de análise foi desenvolvida para entendermos qual o propósito de se fazer uma análise de jogo. A décima segunda categoria, apresentação, nos conta sobre como o processo de apresentação dos dados acontecem. Por fim, a última categoria definição dos critérios foi desenvolvida no viés acerca de quais e de como os critérios de análise seriam feitos. Assim sendo, essas categorias foram agrupadas em três grandes temáticas, denominadas relação com o treinador, métodos de análise e reflexão sobre a função, sendo aproximadas de acordo com a convergência que as categorias da análise de conteúdo promoveram, como pode ser possível notar no quadro 1.

Quadro 1 – Agrupamento das categorias

Agrupamento das categorias		
Relação com o treinador	Métodos da análise	Reflexão sobre a função
Necessidades do treinador; Participação do treinador; Material extra campo; Definição de critérios;	Fases e momentos do jogo; Processos metodológicos; Banco de dados; Treinos; Apresentação; Monitoramento dos dados;	Objetivo da análise Análise da função; Ambiente de aprendizagem;

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Relação com o treinador

O treinador, à medida que o desenvolvimento de futebol se consolida através do imperativo do desempenho e das questões financeiras que envolvem o esporte, foi sendo considerado mais importante e, paulatinamente, pessoas foram incorporadas em sua comissão, até culminar, mais recentemente, no analista de jogo. Eles são responsáveis por levar informações relevantes aos/as treinadores/as, a fim de potencializar o desempenho das equipes (Garganta, 2001).

A partir das falas dos entrevistados, a obtenção desses dados é de cargo somente dos analistas e não dos treinadores. Os/as treinadores/as não participam desse processo, por mais que P2, por exemplo, gostaria que ele fizesse parte: “É aberto, a gente gostaria que tivesse nas análises, nas coletas, mas ela não participa diretamente” (entrevista cedida em 13/04/2022). Isso ocorre uma vez que os analistas são dos clubes, e não diretamente ligado ao/a treinadores/as, tendo, por isso, funções distintas (Correia; Silva; Scaglia, 2021).

Além desses dados obtidos para o/a treinador/a, há tarefas que se vinculam à parte institucional dos clubes. Segundo P1, há “Situações específicas referente ao jogo, como erros de arbitragem e assuntos burocráticos na federação” (entrevista concedida em 04 abr. 2022). Material de análise de mercado. Parece ser em ocasiões de solicitações ao invés de trabalho contínuo.” Como afirma Correia; Silva e Scaglia (2021), a análise de mercado surge como uma demanda importante nos clubes, uma vez que visa, através de uma profissionalização, à sistematização de informações relacionadas a jogadores/as de outros clubes, e que podem ser interessantes para o clube.

Para que a análise de jogo se fundamente há a necessidade de um treinador ou de uma treinadora que possibilite condições para tal, através da construção de sua equipe com um modelo de jogo, permitindo, assim, uma possibilidade de entendimento e mensuração da evolução da equipe (Pereira, 2006).

Duarte (2017) acrescenta a questão do treino como fundamental nesse processo. Sabendo que os dados coletados pelos analistas estão em associação ao modelo de jogo, são, por conseguinte, definidores da maneira com que a comissão técnica deve planejar o treinamento visando a evolução da equipe.

Assim, foi possível notar, nas respostas dos entrevistados, a perpétua relação com os treinadores e comissão técnica, a fim de lhes promover informações atreladas às necessidades do time, bem como contribuir para a evolução de jogadores e jogadoras.

O analista cada vez mais se aproxima da função de auxiliar técnico na condição da especificidade da análise de desempenho. Desde ao processo de levar informações importantes até o processo de auxiliar nos treinamentos (P1, entrevista concedida em 04 abr. 2022).

[...] auxiliar a comissão técnica com informações das adversárias, desde os pontos fortes até os pontos fracos. Acompanhamento da evolução ou regressão da equipe em treinos e jogos (P2, entrevista concedida em 13 abr. 2022).

Análise durante o jogo é para CT tomar as decisões. Pós jogo é para feedbacks coletivos e individuais (P4, entrevista concedida em 14 abr. 2022).

Nessa lógica, por exemplo, o P4 ressalta as atitudes tomadas pelo treinador e a comissão técnica no que concerne as ações que deverão ser tomadas pelos analistas de jogo: os critérios são definidos anteriormente e é função do ou da profissional realizar as análises em comunhão ao que foi estabelecido a priori.

Isso está em consonância com a necessidade de cumprimento do modelo de jogo definido. Em outras palavras, ao passo que há um modelo definido para se jogar, os/as jogadores/as são submetidos a avaliações que se mostram diretamente relacionadas a esse modelo construído (Garganta, 1997).

Segundo Vasquez (2012), além disso, há a noção de que a menor quantidade de erros deve acontecer para que a equipe saia vencedora. Dessa forma, como afirma P2, os pontos fortes e fracos dos adversários são realçados para que seja possível encontrar, antes do jogo, alternativas para se vencer o jogo.

4 Métodos de análise

Para isso, as fases e momentos do jogo são levados em consideração, tornando possível uma análise condizente tanto com o que a literatura sugere quanto com as demandas de treinadores e treinadoras

Existe uma variação da demanda, se tratando da análise da própria equipe é montado um protocolo com base no modelo de jogo da treinadora. Quando o objetivo é estudar as adversárias é feito a divisão das fases e momentos do jogo, bolas paradas e seus subprincípios (P2, entrevista concedida em 13 abr. 2022).

A divisão é feita a partir de fases e momentos do jogo, como organização ofensiva e defensiva, as transições ofensivas e defensivas e as bolas paradas. Cada critério possui seu aprofundamento e especificidade de cada jogo (P1, entrevista concedida em 04 abr. 2022).

Nessas falas explicita-se a relação intrínseca materializada por eles no que tange a literatura. Separar o jogo em fases e momentos articula-se com a concepção defendida por Castelo (1996), buscando uma explicitação mais clara das características das equipes adversárias. Somado a isso, ressaltar os subprincípios está diretamente relacionado ao que Teoldo; Guilherme e Garganta (2018) conceituaram como possibilidade de nortes para a ação de jogadores e jogadoras de futebol.

Para que, entretanto, esses elementos sejam bem passados para a comissão técnica, mostra-se fundamental, a partir da fala dos entrevistados, de um banco de dados, um monitoramento deles e, como finalização do processo, sua apresentação para ser atingido, muito nitidamente, segundo eles, na montagem do treinamento que a comissão realiza. Tudo isso circundado, obviamente, por processos metodológicos por eles protagonizados.

Os dados são armazenados em uma plataforma online de nuvem, e os dados cujos possuem uma maior importância são armazenados também através de computadores para backup. Tabela de ações individuais (P1, entrevista concedida em 04/04/2022).

Eu criei um banco de dados. Daí, daí varia da forma que que o dado é, se é vídeo se é... é... dado quantitativo (P3, entrevista concedida em 05/04/2022).

Banco de dados que gerava um relatório em PDF (P4, entrevista concedida em 14/04/2022).

As falas acima corroboram, portanto, com a preocupação que os entrevistados de Correia; Silva e Scaglia (2021) apresentavam, uma vez que havia, da mesma maneira, a preocupação de levantamento dos dados após os jogos, assim como a necessidade de se produzir relatórios capazes de explicar novas informações para o treinador, a partir disso.

Isso se deve ao fato de os números, ou seja, os dados que são levantados não bastarem por si. Em outras palavras, eles se mostram fundamentais para se compreender realmente os fatos que ocorrem em jogo, porém, para isso, eles precisam ser significados e interpretados pelo/a analista que ali se encontra (Cruz; Vidal, 2023).

Por isso, conforme ressaltam os entrevistados, há a necessidade de esses dados serem monitorados. Como resalta P3, eles devem passar por um processo de estabilização em, segundo ela,

seis jogos, para que seja possível constatar informações relevantes sobre os/as jogadores/as.

Para que isso seja demonstrável, é essencial que a apresentação para a comissão técnica seja bem estruturada. Em decorrência disso, P2 ressalta as necessidades de se ter o mínimo de conhecimento sobre as plataformas de apresentação de vídeo, para que seja feita uma apresentação capaz de esclarecer à treinadores/as e jogadores/as aquilo que está sendo analisado.

Entretanto, para que seja possível apresentar os dados que foram obtidos é necessária uma direção a ser tomada. No que concerne, portanto, à metodologia a ser seguida durante a análise que sucederá tais dados, não há consenso entre os entrevistados, ou seja, cada um deles seguirá uma linha particular, sem uma vinculação científica.

O processo de metodologia foi sendo criado ao longo do desenvolvimento da área. Metodologia foi construída com membros da comissão técnica (P1, entrevista concedida em 04/04/2022).

Não existe uma estrutura metodológica explícita. Foi criado processos com base na filosofia da treinadora (P2, entrevista concedida em 13/04/2022).

Não tem uma metodologia específica, mas segue o padrão de coleta. Definição do objetivo, como executar, como armazenar e como analisar (P3, entrevista concedida em 05/04/2022).

Assim, a forma de se analisar está estritamente vinculada aos anseios da comissão técnica no que se relaciona com o jogo. Essa forma de se exercer a função está presente, também, na forma de trabalho de outros analistas (Correia; Silva; Scaglia, 2021), o que nos induz a acreditar que os objetivos da análise de jogo estão direta-

mente relacionados àquilo que interessa ao treinador, levando em consideração seu modelo de jogo e as características do adversário.

Essa questão, entretanto, suscita dúvidas: apenas a partir do modelo de jogo e das características do/a adversário/a se torna possível a análise daqueles/as que compõe o jogo?

A figura do analista, enquanto aquele ou aquela que vigia e se debruça sobre os acontecimentos que circundam o jogo, sugere uma figura semelhante ao conceituado por Foucault (2014) no que concerne ao panóptico. Sabendo que o panóptico é o local ocupado por alguém que permite a visualização de todo o ambiente, características de presídios desde o século 18, a associação, a partir desses elementos trazidos, é inevitável com os analistas de jogo, já que eles representam a figura central do processo: são responsáveis por observar a todos/as, recolhem os dados que emanam da observação, os interpreta a partir de um critério estabelecido e à posteriori os apresenta.

Nessa direção, outra dúvida é florescida: a partir dessa forma de se qualificar a ação dos jogadores, qual jogo efetivamente estão eles jogando? O jogo real, ou seja, aquele que busca resolver os problemas que aparecem; ou o jogo que satisfará os critérios definidos para a análise?

Segundo Freire (2002), o jogo é – não exclusivamente, mas majoritariamente – subjetivo, por isso, seguindo essa conceituação, exageradamente estar atrelado ao combinado é não se entregar autenticamente às intempéries do jogo, ou, em outras palavras, jogar o jogo em sua plenitude.

Por isso, a partir da inevitável dualidade entre o jogar - atrelado àquilo que quero fazer em jogo - e o esportear - seguir aquilo que as regras impõem - (Leonardo; Scaglia, 2022), aquele que se vincula somente aos critérios estabelecidos pela análise restringe-se, seguindo o riscado, a esportear, já que não há expressão de toda sua subjetividade, mas, por outro lado, somente ao que a partitura do jogo indica.

A imprevisibilidade que permeia o jogo (Scaglia et al., 2015), fazendo com que não se consiga controlar este fenômeno e, por isso, tendo que ficar atento para se adequar às suas (re)organizações (Scaglia, 2011; 2017; Scaglia et al., 2021), dessa forma, promove uma consequência para se repensar a forma de se influenciar a forma de jogar dos/as jogadores/as por parte dos/as analistas.

Indica-se, portanto, uma necessidade de se ressaltar um viés pedagógico ao caráter relacional da análise de jogo, construindo situações que evoquem a emancipação e a capacidade de resolução dos problemas que o jogo impõe, dada a imprevisibilidade do jogo, sendo fundamental que eles ou elas tenham a capacidade de pensar por si próprio (Sandoval; Silva; Scaglia, 2022).

5 Reflexão sobre a função

Assim sendo, é factível a problematização de processos de análise focadas, meramente, na transmissão de dados. Deve-se, por outro lado, compreender que, levando em consideração que há, nesse caso, uma preparação para um jogo (Garganta, 2001), além de, também, dimensionar a análise como tendo um objetivo pedagógico.

Cada divisão da análise tem um objetivo específico. Deve-se levar em consideração modelo de jogo, cultura do clube, contexto e ideias do treinador (P3).

A seleção do conteúdo das adversárias se dá na repetição de acontecimentos. Busca-se encontrar padrões que se repetem com maior frequência com base na contextualização do jogo (P2).

Apesar de ser fundamental a compreensão do modelo de jogo e os padrões de comportamento do adversário, como é citado pelos entrevistados, na mesma medida, entretanto, mostra-se fundamental, o viés pedagógico que, indubitavelmente, deve ser um dos objetivos que circunda a ação prática do analista (Correia; Silva; Scaglia, 2021), dada a imprevisibilidade que é característica

do jogo (Scaglia et al., 2015) em decorrência das constantes mudanças que ali acontecem (Scaglia, 2011; 2017; Scaglia et al. 2021).

Assim sendo, há um leque nessas noções caso os/as analistas se assumem na posição de panóptico, fomentando uma relação estritamente de controle com aqueles ou aquelas que jogam. Por isso, o poder disciplinar pode ser posto em prático e, como consequência, há somente a regulação das ações em favor do modelo de jogo estabelecido (Foucault, 2014). Isso acarreta em esportear mais presente do que o jogar, ou seja, realizar somente as ações coordenadas do que, efetivamente, abrir-se às possibilidades que o jogo apresenta (Leonardo; Scaglia, 2022).

Há, nesse caso, uma 'coisificação' do/a jogador/a de futebol, esquecendo-se da expressão da subjetividade inerente ao jogo e, dessa maneira, como afirmou Foucault (2014), docilizando o corpo do jogador ou jogadora a favor daquilo que é visto como importante a ser feito.

Dessa maneira, ao realizarem uma análise da função de analista de jogo, há diferentes visões:

Aumento de mercado para a função de analista de desempenho. Apoio mútuo dos pares para desenvolvimento da área. Participação nas decisões de comissão técnica (P1).

Assim, quando se restringe à função de levantar informações, auxiliar nos treinos e participar nas decisões não há um aspecto humanizante, há, por outro lado, uma 'coisificação' dos jogadores, em números e características, deixando de lado uma reflexão e um viés pedagógico que pode circundar a função do/a analista, desperdiçando a chance de, em um ambiente de aprendizagem, fomentar a construção de saber acerca dos jogos que serão jogados.

Perspectiva de aprofundar mais nas informações através de novos conhecimentos, para feedbacks mais individualizados (P2).

O analista vai se aproximar do cargo de auxiliar técnico a partir da abordagem humanizante (P3).

Por outro lado, quando P2 realiza feedbacks individualizados, está se propondo uma relação íntima entre jogador-analista, fomentando, dessa maneira, uma relação humanizada, como defende Freire (2020) e como vislumbra P3. Imagina-se, assim, que seja possível criar um ambiente de aprendizagem, sendo, nesse processo, capaz de efetivar fomentar a criticidade (Freire, 2020), tateando a possibilidade de se formar jogadores/as que se tornem capazes de se autogovernarem em campo.

Ademais, P2 diz que levanta pontos positivos e negativos para discutir com os atletas, visando sua reflexão sobre que aconteceu durante o jogo. Em consonância, P3 fundamenta que os dados que obtêm estão a serviço das discussões que vislumbra realizar com os alunos, para problematizar situações do jogo fazê-los repensar e encontrar novas resoluções para os problemas. Isso se relaciona com a formação de um jogador que se revolta com o jogo, ou seja, seja capaz de, ao interpretar a forma com que o jogo vai se organizando, agir a fim de colocá-lo em direção aos anseios e necessidades de sua equipe (Sandoval et al., 2023).

Nessa lógica, os ambientes de aprendizagem não se caracterizam como um ambiente qualquer, mas, na verdade, como um local de troca, em que os alunos – no caso, atletas – são protagonistas desse processo, uma vez que estão, a todo momento, refletindo, questionando e buscando resolver questões postas para serem mais críticos (Freire, 2020).

Por isso, nessa situação vislumbra-se uma ação pedagógica pautada no interacionismo, uma vez que não se pautará em uma simples transmissão de informações para os/as jogadores/as, mas, sim, em uma interlocução, um ambiente que é criado vislumbrando a participação reflexiva daquele ou daquela que deseja aprender (Scaglia; Reverdito, 2016). Isso se deve ao fato de a estabilidade, simplicidade e objetividade que defende o modo cartesiano de enxergar o mundo deve ser suspenso em razão da necessidade

de preparar os/as atletas para algo imprevisível e que, por isso, depende da capacidade deles de resolução de problemas: o jogo (Scaglia; Reverdito; Galatti, 2014).

Dessa maneira, o/a analista distancia-se da posição do panóptico para encontrar-se entre os jogadores. Deixa de estar em uma posição acima dos demais, para, em contraponto, estar ao lado dos demais, uma vez que seu objetivo deixa de ser o controle e a visualização plena de tudo, mas sim o de fomentar as discussões e reflexões sobre os episódios que se passaram. Somente de tal maneira será possível encontrar jogadores/as que joguem mais que esportem, uma vez que isso só se possibilita no momento em que a prevalência da ética sobre a moral mostra-se escancarada no ato de jogar, já que, muito mais do que somente aquilo que a regra indica, há a busca por interpretação daquilo que está ocorrendo, e uma ação revoltada é evocada para se solucionarem os problemas que imanentemente surgem no degrading do jogo. Este é o/a jogador/a revoltado/a: aquele que não se contenta com as orientações dadas anteriormente, busca solucionar os problemas à sua maneira e, portanto, tem autonomia para isso. De tal maneira, analistas devem se sentir capazes de fomentar tal consciência em jogadores e jogadoras, através das trocas que podem ser realizadas em ambientes que gerem, a eles, um empoderamento que reverbere no ambiente de jogo.

6 Conclusão

Tendo como objetivo principal compreender em que medida a autonomia foi colocada em prática no processo de análise de jogo, na relação com os jogadores, foi possível, primeiramente, compreender que a humanização se pauta na busca pela emancipação do jogador, fazendo com que ele tenha autonomia e, assim, criticidade para a resolução dos problemas que podem acontecer dentro do jogo.

Nessa lógica, mostra-se necessária a criação de um ambiente de aprendizagem em que discuta, com ênfase e devir, as sucessi-

vas (re)organizações que o jogo apresenta, colocando o jogador como parte desse processo, ou seja, alguém que discute e apresenta suas visões sobre o acontecido, e ouve as opiniões da comissão, ou seja, encontra-se em um ecossistema co-participativo, para, assim, poder formular novas maneiras de enxergar o fenômeno e agir dentro dele.

Nessa perspectiva, o estabelecimento de critérios, o método de recolha dos dados, a partir dos momentos do jogo, além do banco de dados e monitoramento deles – outro objetivo deste trabalho –, mostram-se como instrumentos para uma prática pedagógica por parte do analista de jogo em conjunto da comissão técnica. Dessa maneira, quem analisa o jogo é fundamental tanto para obter os dados como para participar ativamente do processo de ensino-aprendizagem daquele ou daquela que joga.

Entretanto, no que concerne à visão dos analistas entrevistados, apesar de haver a consciência e o preparo para se realizar a recolha e análise os dados, a fim de colocar a condição de a comissão técnica tomar as decisões com mais embasamento, pouco se realiza no que concerne à humanização desses dados, construindo um ambiente de aprendizagem e propiciando autonomia e criticidade para que os/as jogadores/as, na imprevisibilidade que circunda o jogo, jogarem em plenitude.

Referência

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 2ª reimpressão. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARTHOLOMEW, K.; HENDERSON, A. J. Z.; MARCIA, J. E. Coded semistructured interviews in social psychological research. In: H. T. REIS & C. M. J. **Handbook of research methods in social and personality psychology**. Cambridge: University Press, 2000. p. 286–312.

CASTELO, J. **Futebol**: a organização do Jogo. [s. l.]: Edição do Autor, 1996.

CORREIA, V. A. P.; SILVA, L. F.N.; SCAGLIA, A. J. O analista de desempenho no brasil: panoramas e perspectivas no futebol profissional. **Revista Brasileira De Futsal E Futebol**, [s. l.], v. 13, n. 52, p. 158–171, 2021. Disponível em: <https://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/1086>. Acesso em 28 fev. 2024

CRUZ, D. H. N. M.; VIDAL, R. G. Análise de desempenho e a eficiência do Scout em um time de futebol profissional no ano de 2022. **Research, Society and Development**, [s. l.], v. 12, n. 3, e21112340707, 2023. DOI: 10.33448/rsd-v12i3.40707. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/40707>. Acesso em: 10 ago. 2023.

DUARTE, N. **Contexto prático de um analista de jogo inserido no departamento de futebol profissional do Gil Vicente Futebol Clube**. Porto. 2017. Relatório (Estágio profissionalizante para a obtenção do grau de Mestre em Treino de Alto Rendimento) – Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Universidade do Porto, Porto, 2017.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 2014.

FONTANA, F. Técnicas de pesquisa. In: MAZUCATO, T. (org.). **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. Penápolis, SP: FUNEPE, 2018. p. 59-78.

FREIRE, J. B. **O jogo**: entre o riso e o choro. Campinas: Autores Associados, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GARGANTA, J. **Modelação táctica do jogo de Futebol**: Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. Universidade do Porto: [s. n.], 1997.

GARGANTA, J. A análise da performance nos jogos desportivos: revisão acerca da análise do jogo. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 57– 64, 2001. DOI: 10.5628/rpcd.01.01.57. Disponível em: https://rpcd.fade.up.pt/_arquivo/artigos_soltos/vol.1_nr.1/08.pdf. Acesso em: 27 jul. 2024.

HUGHES, M. National analysis. In: REILLY, T. (org.). **Science and soccer**. Londres: E & FN Spon, 1996. p. 343-362.

LA TAILLE, Y. D. **Moral e ética**: Dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LEONARDO, L.; SCAGLIA, A. “Temos que devolver o jogo ao(à) jogador(a)”: as dimensões éticas e morais da pedagogia dos esportes coletivos a partir de abordagens baseadas no jogo. **Movimento**, [s. l.], v. 28, n. 1, p. 1–21, 2022. DOI: 10.22456/1982-8918.119990. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/x7ZykY4tp5MbTmPWDCDj6Nh/>. Acesso em: 21 jul. 2024.

MAYRING, P. **Qualitative content analysis**: theoretical foundation, basic procedures and software solution. Klagenfurt: Institute of Psychology and Center for Evaluation and Research, 2014.

PEREIRA, L.F.G. **Modelação do jogo de futebol - Comparação das percepções dos treinadores**: Modelo de Jogo Ideal versus Modelo de Jogo Real. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências do Desporto) – Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 2006.

SANDOVAL, G. O.; LEONARDO, L.; SILVA, L. F. N.; SCAGLIA, A. J. A ética da revolta de Albert Camus e o ato de jogar: aproximações teórico-filosóficas com a atuação do jogador no fenômeno “jogo”. **Cuadernos de Filosofía Latinoamericano**, [s. l.], v. 44, n. 129, p. 155-169, 2023. Disponível em: <https://revistas.usantotomas.edu.co/index.php/cfla/article/view/7672/8036>. Acesso em: 28 ago. 2024.

SANDOVAL, G. O.; SILVA, L. F. N., & SCAGLIA, A. J. A autonomia no ensino do futebol sob a perspectiva de treinadores e treinadoras. **Corpoconsciência**, [s. l.], v. 26, n. 2, p. 134-148, 2022. DOI: 10.51283/rc.v26i2.13127. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/13127>. Acesso em: 21 jul. 2024.

SCAGLIA, A. J. et al. Pedagogia do Jogo: bases conceituais e epistemológicas. In: SILVA, E. I.; SILVA, P. A. **A cultura e a Pedagogia da Rua nas aulas de Educação Física Escolar**: implicações para a prática docente. Embu das Artes: Alexa Cultural Ltda, 2021. p. 47-73.

SCAGLIA, A. Pedagogia do Jogo: O processo organizacional dos Jogos Esportivos Coletivos enquanto modelo metodológico para o ensino. **Journal of Curriculum Studies**, [s. l.], v. 49, n. 2, p. 27-38, 2017. Disponível em: https://rpcd.fade.up.pt/_arquivo/artigos_soltos/2017-S1A/1-02.pdf. Acesso em: 28 ago. 2024.

SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R. S.; GALATTI, L. R. Contribuição da Pedagogia do Esporte ao ensino do esporte na escola: tensões e reflexões metodológicas. In: MARINHO, A.; NASCIMENTO, J. V.; OLIVEIRA, A. A. B. (org.). **Legados do Esporte Brasileiro**. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2014. p. 45-86.

SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R. S. Perspectivas pedagógicas do esporte no século XXI. In: MOREIRA, W. W.; NISTA-PICCOLO, V. L. **Educação Física e Esporte no século XXI**. Campinas: Papyrus, 2016. p. 43-72.

SCAGLIA, Alcides José. **O futebol e as brincadeiras de bola**: a família dos jogos de bola com os pés. São Paulo: Phorte, 2011.

SCAGLIA, A. J. Pedagogia do Jogo: O processo organizacional dos Jogos Esportivos Coletivos enquanto modelo metodológico para o ensino. **Journal of Curriculum Studies**, [s. l.], v. 49, n. 2, p. 27-38, 2017. DOI: 10.1080/00220272.2016.1149223.

SCAGLIA, A. J. et al. Processo organizacional sistêmico, a pedagogia do jogo e a complexidade estrutural dos jogos esportivos coletivos: uma revisão conceitual. In: LEMOS, K. L. M.; GRECO, P. J.; MORALES, J. C. P. **5º CONGRESSO**

INTERNACIONAL DOS JOGOS DESPORTIVOS. Belo Horizonte: EEEFTO/UFMG. 2015. p. 16-42.

SCAGLIA, A. J. **O futebol e as brincadeiras de bola.** São Paulo: Phorte, 2011.

SPARKES, A. C.; SMITH, B. **Qualitative research methods in sport, exercise and health: from process to product.** [s. l]: Routledge/Taylor & Francis Group, 2014.

TEOLDO, I.; GUILHERME, J.; GARGANTA, J. **Para um futebol jogado com ideias:** concepção, treinamento e avaliação do desempenho tático de jogadores e equipes. Curitiba: Appris, 2018.

VÁZQUEZ, A. V. **Fútbol.** Del análisis del juego a la edición de informes técnicos. 1. ed. Vigo: Moreno y Conde Sports, 2012.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.